

BEZERRA BARBOSA, Fátima Maria (2011). Do trabalho obrigado ao trabalho desejado. *Revista Educação Skepsis*, n. 2 – Formação Profissional, vol. I. Contextos de la formación profesional. São Paulo: skepsis.org. pp. [ISSN 2177-9163]

url: < > [Julho 2011]

RESUMO

Propomos uma reflexão crítica sobre a importância do trabalho/ educação profissional como aposta/resposta, aos desafios da sociedade actual. As características da nossa sociedade, centrada essencialmente na objectividade do conhecimento e na racionalidade instrumental, promove o desenvolvimento exponencial do sistema económico que se torna cada vez mais complexo e se apodera de todos os âmbitos da vida gerando o mal estar subjectivo. O sistema educativo e, dentro dele a educação profissional, perdeu a sua finalidade, o desenvolvimento integral do homem, preocupando-se essencialmente com os valores da eficiência e da eficácia. Importa integrar no mundo do trabalho e da educação profissional elementos de outros âmbitos ligados ao prazer, às emoções, ao relacionamento interpessoal, à ética e à estética. Pensamos que desta forma podemos contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da inovação, humanizando o homem e a sociedade e, simultaneamente, contribuir para a construção de um paradigma diferente.

PALAVRAS – CHAVE: educação, profissional, trabalho, ócio, valores, criatividade inovação.

ABSTRACT

We propose a critical reflection on the importance of work/ professional education as a bet / response to the challenges of today's society. The characteristics of our society, focusing primarily on the objectivity of knowledge and rationality, promoting the exponential development of the economic system becomes increasingly complex and takes hold of all spheres of life, generating subjective discomfort. The educational system, and within it the professional education, has lost its purpose, the integral development of mankind; it is concerned primarily with the values of efficiency and effectiveness. It should be integrated into the world of work and vocational education elements of other areas linked to pleasure, emotions, interpersonal relationships, ethics and aesthetics. We think that this way we can contribute to the development of creativity and innovation, humanizing individuals and society, while contributing to the construction of a different paradigm.

KEY-WORDS: education-training, work, leisure, values, creativity, innovation.

DO TRABALHO OBRIGADO AO TRABALHO DESEJADO (FROM COMPULSORY WORK TO DESIRED WORK)

Fátima Maria Bezerra Barbosa ¹

INTRODUÇÃO

A sociedade gira em torno da categoria do trabalho e poder-se-ia dizer que este assumiu, de alguma forma, a tradicional função da religião. De facto, quando não percebíamos o que nos acontecia ou quando nos sentíamos impotentes para resolver os nossos problemas, recorríamos a uma entidade superior para pedir ajuda.

Esta nova religião estende-se “ao longo da vida” sendo a preocupação fundamental das famílias e dos governos de todos os países. Apela-se para a necessidade de trabalharmos mais, de trabalharmos durante mais tempo, de produzirmos mais e parece que estas crescentes necessidades não tem fim!

Na velha Europa o desemprego, a instabilidade e o terrorismo, lançam o medo e a inquietação, face a um futuro que se vislumbra cada vez mais incerto. A mundialização e a globalização acarretam a incerteza, a insegurança e o mal estar. O Estado Providência não consegue mais responder às suas promessas de protecção social e de qualidade de vida para todos. A sociedade do bem estar convive com o mal estar subjectivo.

Como refere Lipovetsky, “A ciência e a técnica alimentavam a esperança de um progresso irreversível e contínuo: hoje despertam a

¹ **AÑADIR CURRICULO.** Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho – Portugal.

dúvida e a inquietação com a destruição dos equilíbrios ecológicos e com as ameaças das indústrias transgênicas. A queda do muro de Berlim e a liberalização planetária deviam trazer crescimento, estabilidade, redução da pobreza. O resultado foi, sobretudo em África, na América Latina e outros lugares, o aumento da miséria e o estalar de crises económicas e financeiras.” (Lipovetsky, 2008: 27/28).

Não duvidamos que o trabalho constitui uma categoria antropológica fundamental. Pensamos, no entanto, que todo o Projecto Educativo e, dentro deste, a educação profissional, tem de ser encarada como parte integrante da formação do Homem, de um Homem que se constitui integrando simultaneamente as dimensões do Trabalho e do Ócio.

1. DO TRABALHO OBRIGADO

A génese do conceito de trabalho é bastante contraditória...

Na antiguidade clássica o ócio era a condição primordial para atingir a sabedoria! Este ócio era apanágio dos cidadãos, dos homens livres, que se dedicavam às questões do espírito e à resolução dos problemas da polis, enquanto que a subsistência, o trabalho produtivo, era realizado pelos escravos. Já neste período havia uma clara separação entre o superior trabalho do espírito, fruto do ócio, e as necessidades menos nobres, o trabalho a cargo dos escravos.

A Idade Média vem, por sua vez, agravar este problema. Se o trabalho foi o castigo dado por Deus a Adão e Eva por lhe terem desobedecido é, também, através do trabalho que o homem se

purifica do pecado e pode, depois da morte, aceder ao paraíso perdido.

O trabalho, enquanto privação de lazer, assume o estatuto de castigo, de dever penoso e, simultaneamente, de elemento purificador, “ No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes terra” Génesis, cap.III, vers.19.

A Modernidade marcada pela Revolução Francesa, pela Revolução Industrial e pela emergência do Capitalismo vem revolucionar toda esta construção social. Para TOURAINE² o ideal capitalista sacrifica a vida em nome do trabalho, mas este não leva à salvação. O lazer surge, neste contexto, como uma conquista das classes assalariadas e é essencialmente assumido como recuperação das energias para o exercício contínuo das funções laborais.

A actualidade é marcada pela passagem do *Estado Providência* para o *Estado Económico*, ou seja, a função do estado deixou de ser a protecção dos indivíduos e a resolução dos problemas sociais e centrou-se, essencialmente, na resolução dos problemas económicos. Esta esquizofrenia económica tem consequências devastadoras a nível individual e social como se pode comprovar na actual Crise Mundial.

Segundo Robert Reich, ex-secretário de Estado do Trabalho dos EUA e actual Professor da Universidade de Brandeis-Massachussets, a “nova economia” ao procurar dinamizar o sector económico através do trabalho, descarta a tranquilidade social provocando desigualdades e stress nos indivíduos.³ Neste sentido, é urgente que se consiga encontrar o equilíbrio entre o dinamismo económico e a tranquilidade

²TOURAINE, A. (1994). *Um Novo Paradigma*. Lisboa: Editora Vozes.

³ FALTA CITACAO.

individual e social. Como resposta a este problema Reich propõe a introdução de actividades não produtivas no sistema, fundamentais ao desenvolvimento humano e, também essenciais ao bom funcionamento da economia.

A mundialização, a globalização, a liberalização e a flexibilização dos mercados económicos, provocou uma competição desenfreada que exige uma resposta urgente. A parte do desenvolvimento de competências adequadas às especificidades do trabalho, exigem-se outras qualidades especificamente humanas e uma aposta inequívoca na criatividade e na inovação.

A qualidade de vida que todos almejamos é um conceito extremamente complexo que implica a percepção do nosso contexto social e cultural, do sistema de valores em que estamos inseridos, dos nossos objectivos e expectativas, envolvendo factores relacionados com a saúde, bem estar físico, psicológico, emocional e mental e, também, com a família, os amigos, o emprego etc. Estas necessidades não obtêm resposta se nos centramos no trabalho como objectivo fundamental da vida.

Neste contexto, a educação e a formação são vistas como preciosas aliadas da mudança desejada e desejável. No entanto, e contrariamente a esta perspectiva, assistimos a uma educação que se preocupa essencialmente com a adaptação dos indivíduos às exigências do mercado de trabalho, ou seja, a tradicional função socializadora da educação continua a ser vista como rainha. A formação para o trabalho é orientada, essencialmente, *para a transmissão de conteúdos científicos e técnicos, descurando-se as áreas de relacionamento interpessoal, da promoção da auto-estima, da satisfação proporcionada pelo sentimento de pretensa ao grupo e*

*pela implicação dos indivíduos nos objectivos da empresa*⁴, tendo como valores orientadores a eficiência e a eficácia.

É necessário e urgente que se perspectivem percursos alternativos de desenvolvimento da realidade e se incentivem diferentes visões da mesma, equacionando, de forma igualitária e com a mesma possibilidade de contribuir para um mundo melhor, visões espiritualistas, utilitaristas, estéticas e tecnológicas.

2. DO TRABALHO DESEJADO

O trabalho desejado terá de integrar elementos do *mundo da necessidade* (trabalho) e do *mundo da liberdade* (ócio).

Por *mundo da necessidade* entendemos o mundo objectivo, o mundo da ciência e da técnica, o mundo dos grandes sistemas, onde o indivíduo é tratado como se de uma coisa se tratasse.

Por sua vez, o *mundo da liberdade* é essencialmente o mundo dos sujeitos. Um mundo de indivíduos concretos que amam e sofrem no dia a dia, que têm necessidades e também desejos, sonhos e ilusões. Que se jogam e ao jogar-se reconstróem-se e criam novas formas de ser e de agir.⁵

O Relatório da UNESCO sobre a educação para o século XXI propõe uma concepção alargada de educação que propicie a descoberta do potencial criativo de cada um. Neste sentido, supõe *que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação considerada como via obrigatória para obter certos resultados (saber-*

⁴ BEZERRA BARBOSA, F. M. (2001). Educar para a liberdade através da arte. BARBOSA, M. *Educação do Cidadão*, Braga: Edições APPACDM, p. 134

⁵ Idem.

*fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem económica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.*⁶ Assim, a formação para o trabalho tem de ser entendida como uma resposta à mudança global que ocorre na própria filosofia do trabalho. As capacidades e as relações humanas tornam-se uma componente essencial do processo produtivo, pois *significam identidade entre o indivíduo e o seu trabalho, quer seja empregado, funcionário ou empresário, significam que se deseja melhorar e investigar, e não só vender produtos.*⁷ Para mudar o conceito de trabalho e torná-lo desejado, teremos de introduzir, como refere Robert Reich⁸, elementos de “não trabalho”, o ócio/lazer surge como uma alternativa válida para a consecução deste desiderato. Este fenómeno é definido como um conjunto de acções que proporcionam satisfação vital, consubstanciando-se numa, *experiência pessoal complexa e num fenómeno social multidimensional.* (Cuenca, M.,2004).

Enquanto experiência pessoal complexa é independente, livre, voluntária, auto-suficiente e autotélica.

Enquanto fenómeno social multidimensional é dependente da época, da cultura, do espaço e do tempo.

Por sua vez, enquanto experiência é estruturada e processual, no conjunto da nossa vida e da nossa experiência vital tendo, nesse sentido, consequências importantes para a formação.

⁶ DELORS, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Porto: ASA, p. 78

⁷ GELPI, E. (1990). *La educación permanente, problemas laborales y perspectivas educativas*. Madrid: Editorial Popular, p. 37.

⁸ FALTA CITACAO.

A nível individual, o ócio/lazer proporciona a formação ontológica do indivíduo. Induz emoções positivas, alegria, amor, afecto, alívio e, neste sentido, repercute-se a nível da própria saúde, física e psíquica. Potencializa a realização de metas. Possibilita a resistência à dor. Promove a motivação e consolida o pensamento. Gera ainda sentimentos de respeito, solidariedade e generosidade.

A nível social e comunitário, melhora as relações interpessoais e promove o respeito pelo outro. Possibilita a integração. Gera a criatividade e a inovação. Potencializa os valores sociais e estéticos. Promove a participação e a cultura. Favorece a democracia e transforma os cidadãos consumidores em cidadãos activos e comprometidos.

3. CONCLUSÃO

A função da educação como promotora da evolução da realidade individual e da sociedade, inscreve-se num processo permanente e ao longo da vida. Por isso, e cada vez mais, o ser humano não pode acomodar-se passivamente à realidade tal como ela lhe é apresentada, mas tem de procurar soluções que se coadunem e respondam às actuais exigências sociais.

De uma educação elitista, de homens livres na Antiguidade Clássica, das classes religiosas durante a Idade Média e da burguesia da Época Moderna, passa-se na actualidade a uma educação de massas.

Os tempos e os lugares educativos ampliaram-se e a educação passa a ser entendida como uma construção permanente que se realiza ao longo da vida dos indivíduos e em todos os tempos e

lugares onde esta decorre. Esta mudança radical implica que os tempos de ócio e lazer se tornem fulcrais. O ócio e o lazer não podem mais ser entendidos como privilégio de alguns nem dependentes do tempo de trabalho, mas devem constituir-se como um direito que, em si mesmo, é da mesma essência do direito ao trabalho.

Segundo a Associação Internacional WLRA:

- “O ócio refere-se a uma área específica da experiência humana, com os seus benefícios próprios, entre eles a liberdade de escolha, a criatividade, a satisfação, o desfrute e o prazer e mais felicidade. Abrange amplas formas de expressão ou actividade, cujos elementos são frequentemente quer de natureza física quer intelectual, social, artística ou espiritual”.
- “O ócio é um recurso importante para o desenvolvimento pessoal, social e económico e é um aspecto importante da qualidade de vida. O ócio também é uma indústria cultural que cria emprego, bens e serviços. Os factores políticos económicos e sociais, culturais e ambientais podem aumentar ou dificultar o ócio”.
- “O ócio fomenta uma boa saúde geral e bem estar, ao oferecer variadas oportunidades que permitem aos indivíduos e grupos seleccionarem actividades e experiências que se ajustam às suas próprias necessidades, aos interesses e às preferências”.
- “O ócio é um direito humano básico, como a educação, o trabalho e a saúde e ninguém deveria ser privado deste direito

por razões de género, orientação sexual, idade, raça, religião, crença, nível de saúde, incapacidade ou condição económica”.⁹

A expansão do sistema educativo, alargando o âmbito da sua intervenção a “todos os lugares” e ampliando o seu tempo “do nascimento até à morte” não pode, nem deve, ignorar a importância da introdução nos currículos de elementos do “não trabalho”. A educação formal, *o sistema escolar, como experiência comum e obrigatória para todos, tem uma responsabilidade relevante na preparação para a vida, em que quer o ócio quer a sua educação têm um papel muito significativo.*¹⁰

Propomos a inclusão nos currículos de experiências que satisfaçam alunos e professores. Através destas experiências podemos potenciar a motivação e o envolvimento, a capacidade de comunicação e a empatia, elementos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem. A introdução destes elementos apresenta-se nos fundamental para melhorar o clima das escolas, as relações entre pares, o envolvimento em projectos e a investigação interdisciplinar.

Relativamente à educação/formação para o trabalho, a importância do ócio é iniludível. Para além de promover o espírito de equipa e o envolvimento em projectos comuns, melhora as relações interpessoais nas empresas e fomenta o espírito de equipa. Ao gerar estímulos positivos, aumenta a eficiência e a eficácia, tendo consequências a nível da produção. Melhora a resistência ao stress e diminui o absentismo.

⁹ **ESPECIFICAR CITACAO E INCLUIR NA BIBLIOGRAFIA.** *World Leisure & Recreation Association, 1994.*

¹⁰ CUENCA, M. (1993). *Ocio y formación. Hacia la equiparación de oportunidades mediante la educación del ocio.* Bilbao: Universidad de Deusto. FALTA PÁGINA DA CITACAO.

Por último, e talvez o mais importante, possibilita o desenvolvimento da inovação e da criatividade, fundamentais para responder aos desafios actuais. A criatividade e a inovação surgem, preferencialmente, através de emoções positivas e em ambientes agradáveis onde os indivíduos se sintam descontraídos e auto-confiantes.

Para Edgar Morin, o problema da liberdade e da criatividade só pode ser abordado num quadro de complexidade, o único que pode potenciar o seu aparecimento. Aponta como uma das superioridades do cérebro humano sobre a máquina, a capacidade de lidar com o insuficiente, o difuso e o vago.¹¹

«Trabalho» e «não-Trabalho» são o húmus da construção do Homem. Segundo HABERMAS os “problemas” com que nos deparamos surgem da separação que se foi efectuando entre o *mundo de vida* e o *sistema*. O primeiro alicerçado nas imagens mítico-poéticas e na intersubjectividade gerada comunicativamente. O segundo, na racionalidade técnico-instrumental, o que leva a que “ao aumentar a complexidade de um e a racionalidade do outro, sistema e mundo de vida não só se diferenciam internamente, como “sistema” e “mundo de vida”, mas também se diferenciam simultaneamente um do outro¹², gerando o mal estar subjectivo nos indivíduos e na sociedade. Daí uma aposta clara na integração de elementos do Trabalho e do Não Trabalho em toda a Educação e, sobretudo, na Educação Profissional tradicionalmente mais ligada à racionalidade instrumental e ao sistema.

¹¹ MORIN, E. (2001). L'enseignement des connaissances. DIAS DE CARVALHO, Adalberto et al. *Novo conhecimento, nova aprendizagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

¹² HABERMAS, J.(1987). *Teoria de la acción comunicativa II*. Barcelona: Ceac, p. 216.

A multiplicidade de exigências que se nos colocam, neste tempo de incerteza, exige uma aposta clara num desenvolvimento de competências múltiplas que nos permitam intervir em contextos singulares, complexos e imprevisíveis. Terminamos com uma referência a Marcuse para quem Eros, a pulsão de vida, libertaria o homem da tirania do lucro, e o trabalho transformar-se-ia em jogo.

BIBLIOGRAFIA**LIBROS**

- TOURAINÉ, A. (1994). *Um Novo Paradigma*. Lisboa: Editora Vozes.
- BEZERRA BARBOSA, F. M. (2001). *Educar para a liberdade através da arte*. BARBOSA, M. *Educação do Cidadão*, Braga: Edições APPACDM.
- BEZERRA BARBOSA, F., M. (2008). *Aesthetics and Critical Theory: Suggestions for an Adult Education Pedagogy*. *Teaching and Learning 2008*, International Association for the Scientific Knowledge.
- CARIDE, J.A. (2000). *Ocio e Tempo Libre*. Santiago: Xunta de Galicia.
- CUENCA, M. (1993). *Ocio y formación. Hacia la equiparación de oportunidades mediante la educación del ocio*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- CUENCA, M. (coord.) (2000). *Ocio y desarrollo humano*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- CUENCA, M. (2004). *Pedagogía del ocio: modelos y propuestas*, Bilbao: Universidad de Deusto.
- DELCLAUX, F. (1996). *El silencio creador*, Madrid: Rialp.
- DELORS, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Porto: ASA.
- DUMAZEDIER, J. (1971). *Ocio y sociedad de clases*, Barcelona: Fontanella.
- FREIRE, P.,(1984). *La importancia de leer y el proceso de liberación*. Madrid: Siglo XXI Editores.
- GELPI, E. (1990). *La educación permanente, problemas laborales y perspectivas educativas*. Madrid: Editorial Popular.
- HABERMAS, J.(1987). *Teoría de la acción comunicativa II*. Barcelona: Ceac.
- HUISMAN, D. (2008). *A estética*. Lisboa: Edições 70.
- LORENZO Moledo, M., M., SANTOS REGO, M.,A. (2009). *Educación para a Cidadania e os profesores*. Salamanca: Ed. Xerais de Galicia.
- LIPOVETSKY, G. (2008). *La sociedad de la decepción*. Barcelona: Anagrama
- MARCUSE, H. (1988). *Eros y civilización*. Barcelona: Seix Barral.

MORIN, E. (2001). L'enseignement des connaissances. DIAS DE CARVALHO, Adalberto et al. *Novo conhecimento, nova aprendizagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PINO JUSTE, M., BEZERRA BARBOSA, F. M., (2007), *Vida com calidad: estética y salud*. MANUEL CID, Xosé; PERES, Américo (editores). *II Congresso Iberoamericano de Pedagogia.*, Universidade de Vigo, Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro, Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social, Allariz –Chaves. pp 813, 824.

PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

COLOM, A. (2005). Continuidad y complementariedad entre la educación formal y no formal. *Revista de Educación*, 338, pp. 9-22.